

**ANÁLISE DO “CÓDIGO Q”
UTILIZADO PELA GUARDA MUNICIPAL DE DOURADOS/MS
– UMA VISÃO VARIACIONISTA DA LINGUAGEM**

Edvaldo Teixeira Moraes (UEMS)

edvaldomoraes04@hotmail.com

Elza Sabino da Silva Bueno (UEMS)

elza20@uems.br

RESUMO

Nesse estudo analisa-se o chamado Código Q, que se trata de um conjunto de expressões e siglas utilizado por militares do mundo todo. Neste caso, a análise está centrada no uso desse código pela Guarda Municipal da cidade de Dourados-MS cujo objetivo é analisar o referido código e sua importância para essa corporação, bem como avaliar se há diferenças lexicais na interpretação dessas expressões e se há diferenças entre homens e mulheres, na forma de falar e de perceber o código. O estudo está baseado em uma pesquisa de campo com agentes da Guarda Municipal de Dourados – MS, apresentando ao final, uma análise dos dados coletados. Assim, espera-se que este trabalho possa contribuir aos estudantes e sociedade em geral interessados nos fenômenos da língua, juntamente, com tantas outras pesquisas realizadas sobre os estudos sociolinguísticos, demonstrando, cada vez mais quão rica e variada é nossa língua, a ponto de oferecer diversas possibilidades comunicativas aos seus falantes dentro de um mesmo contexto.

Palavras-Chave: Português Oral. Variação linguística. Código “Q”

1. Introdução

Considerando a afirmação de Monteiro (2000) de que a língua não é simplesmente um veículo para transmitir informações, mas um meio para se estabelecer e manter relacionamentos com outras pessoas, percebe-se, que da mesma maneira em que as interações sociais se dão por processos dinâmicos, em situações diversas e contextos distintos, a língua também se converte em um produto vivo, que resulta em constante mudança, não em sua forma estrutural, mas na forma usual. Quer dizer que ela não se apresenta de maneira única, estaticamente, mas oferece possibilidades que podem ser utilizadas no ato comunicativo.

Essas possibilidades não são formas que resultam em uma nova língua ou comprometa a comunicação, são opções de se escolher como dizer algo, não alterando o sentido e o conteúdo da mensagem, pois, como afirma Tarallo (2007), trata-se de dizer, de maneira diferente, a mesma coisa com o mesmo valor de verdade em um determinado contexto

social.

Outro detalhe importante, quando nos referimos à língua, é que embora haja um conjunto de normas regentes que a tornam una e permita a comunicação entre falantes do mesmo sistema linguístico, esta sofre influência individual das pessoas que a utilizam e do grupo social, embora isso não comprometa o ato interacional entre os indivíduos.

Dessa forma, realizar um estudo sobre variação linguística, de um modo geral, constitui-se um árduo trabalho por se tratar de um campo muito abrangente, exigindo assim, para um melhor resultado, a delimitação de um objeto, grupo ou contexto. Por isso, esta análise está centrada no chamado *Código Q*, um conjunto universal de expressões utilizado pelos diferentes órgãos militares do Brasil e do mundo com o intuito de padronizar, aperfeiçoar ou tornar mais rápida a comunicação interna, principalmente em operações policiais ou militares, além de servir como um código linguístico de identificação dos indivíduos pertencentes a esse contexto. Neste caso específico, o estudo está centrado na utilização desse Código pela Guarda Municipal da cidade de Dourados/MS. Para a constituição desta pesquisa foram analisadas as interpretações individuais das expressões padronizadas do Código Q pelos agentes da Guarda Municipal de Dourados/MS, tendo por base uma pesquisa de caráter empírico, realizada através de entrevistas com dez informantes, cinco do gênero masculino e cinco do feminino, para verificar se há diferença entre o falar de homens e mulheres, uma vez que ambos se expressam de forma diferente, Paiva (1994).

2. *Aporte teórico*

2.1. **Breve introdução à linguística/sociolinguística**

A linguística é conhecida como a ciência que estuda a linguagem humana nas suas mais variadas modalidades. Foi dessa forma que o professor suíço Ferdinand Saussure apresentou uma proposta de sistematização da linguagem em suas palestras e cursos que ministrava na Universidade de Genebra, no final do século XIX, de forma tão sólida e inovadora que seus alunos mais tarde, após sua morte, compilaram suas ideias, dando origem ao *Curso de Linguística Geral*, um conjunto de diretrizes que se tornaram um marco na história dos estudos linguísticos. O *Curso de Linguística Geral* se torna o divisor de águas para a história dos estudos relacionados à linguagem, caracterizando a linguística como ciência,

pois até então, ela não tinha autonomia, e de acordo com o próprio Saussure, a linguística passou por vários estágios até se tornar autônoma, desde a antiguidade clássica até os linguistas modernos, transitando pela *Gramática*, estudo inaugurado pelos gregos, pela *filologia*, e por outras áreas, até se constituir como a ciência da fala.

Após a divulgação dos estudos de Saussure houve um grande avanço no que se refere aos estudos linguísticos, pois toda nova ciência desperta interesses, curiosidade, críticas e receio por parte dos mais cautelosos, fazendo com que se pesquise mais, analise e avalie se essa nova proposta tem fundamentos sólidos e se apresenta contribuições relevantes à comunidade. Vale lembrar, como já mencionado, que a linguística era nova enquanto ciência, pois antes não possuía autonomia própria, valendo-se de outras ciências já instituídas, mas na prática, ela existia há muito tempo.

Dentro desse campo de estudo da fala, encontra-se também a sociolinguística, uma subárea da linguística, que estuda a língua no seio das comunidades de falantes. São muitas as áreas pelas quais se interessa a Sociolinguística, como o contato com as línguas, tudo o que se refere ao surgimento, à transformação e ao desaparecimento de certos fenômenos linguísticos, às variações e as mudanças que ocorrem na língua, a heterogeneidade linguística, entre outras. É importante ressaltar que quando mencionamos heterogeneidade linguística, estamos nos referindo às diferenças de fala que ocorrem dentro do mesmo sistema linguístico, ou seja, formas diferentes de usar a mesma língua e não às várias línguas diferentes em um mesmo território geográfico-político, Tarallo (2007). Assim a sociolinguística se apresenta no que podemos chamar de fronteira ou limite entre língua e sociedade, focalizando a heterogeneidade do emprego da língua em diferentes contextos linguísticos.

É evidente que a relação entre o sujeito e a sociedade que o cerca está mais do que fundamentada e tem sido afirmada cada vez mais por teóricos e estudiosos da linguagem, e apesar de parecer redundante, cabe aqui reafirmar essa teoria, pois quanto mais se estuda a linguagem mais se percebe a indissolubilidade entre esses dois fatores: indivíduo e sociedade. A sociolinguística não menospreza ou ignora a normatização, as regras ou padrões estabelecidos pela linguística dita tradicionalista ou gramaticalista, pelo contrário, tomando por base esse conjunto de normas, aceita e valoriza também toda forma de manifestação linguística em um ato comunicativo, considerando suas variações de acordo com o contexto e a realidade de seus falantes.

O objetivo dos estudos sociolinguísticos é identificar, analisar e estudar a língua em sua forma mais livre, espontânea, em situações reais de comunicação, nas quais o falante tem a liberdade de se expressar de maneira despreocupada, desatenta muitas vezes à forma de falar, focando apenas naquilo que vai falar, importando, nesses casos a interação com o seu interlocutor e a transmissão da mensagem desejada. (TARALLO, 2007).

Por se tratar de um estudo voltado para o cotidiano dos falantes, considerando todas as situações comunicativas, não apenas a escrita ou situações formais, nas quais o falante se polícia quanto à forma, os estudos sociolinguísticos permitem identificar que há inúmeras possibilidades de uso da língua, oferecendo ao indivíduo opções de escolha quanto à maneira de se expressar, sem que isso comprometa seu ato comunicativo ou altere o objetivo do discurso. Surgem, então, as variações linguísticas, tipos de adequações que o falante opta conforme o contexto seja para tornar o discurso mais informal, para simplificar a mensagem e torná-la acessível ao seu interlocutor, para sintetizar ou detalhar uma situação, conforme lhe aprouver ou, simplesmente, por uma questão de estilo e identificação.

Por esse motivo cada situação de comunicação é única, já que os indivíduos falam de forma distinta, de acordo com suas experiências, estilo, grau de intimidade com o interlocutor ou com o conteúdo, capacidade comunicativa, ou outros fatores externos e internos, caracterizando a espontaneidade ou a formalidade do discurso. Hudson (*apud* MONTEIRO, 2000) afirma que é impossível haver dois ou mais indivíduos que tenham a mesma forma ou a mesma linguagem, uma vez que não existem duas pessoas com a mesma experiência linguística, isto é, cada falante sofre a influência do ambiente ao qual pertence, o contexto no qual está inserido, diferenças pessoais, fisiológicas e outros fatores que se tornam decisivos no momento do ato comunicativo.

Assim, através dessas diferenças de comunicações, vão sendo criadas as várias possibilidades comunicativas e alguns grupos optam por expressões diferentes e as tornam tão usuais que acabam por elaborar e cristalizar tipos de códigos linguísticos que passam a fazer parte de sua rotina de trabalho ou ações, transformando-se em códigos específicos desses grupos. Há também o intuito de se criar tais códigos como forma de proteção, como no caso da Guarda Municipal e de outros órgãos militares, para impedir que delinquentes identifiquem com facilidade as informações transmitidas por radiocomunicadores, interceptem-nas ou cri-

em mecanismos para burlar o sistema de segurança desses órgãos. Há ainda o intuito de tornar a comunicação mais rápida e eficiente, pois como veremos na análise deste estudo, há expressões ou siglas que substituem uma frase extensa e carregada de detalhes importantes para uma operação ou situação.

Esses códigos são criados a partir de palavras ou expressões já existentes na língua ou através de siglas que possuem algum tipo de significado para o grupo no qual são utilizadas, pois nas palavras não existem sentidos isolados, elas são sempre pertinentes a uma ideologia ou à realidade de um grupo. Os códigos linguísticos atuam como instrumento de identificação, pois segundo Orlandi (2007, p. 12) há uma representação, concebida como configuração imaginária, através de processos de identificação. Ou seja, um indivíduo identifica-se, socialmente, com grupos de indivíduos, tornando-se representante como integrante desse grupo através da língua. Para um falante que não pertence a esse contexto ou desconhece esse código se torna quase impossível identificar seus significados, porque, aparentemente, as expressões são compostas por palavras com sentido diferente de seu significado original ou esse significado aparece de forma camuflada para alcançar os objetivos propostos. Isso é possível porque como afirma Orlandi (1996), uma palavra, na mesma língua, significa diferentemente, dependendo da posição do sujeito e da inscrição do que diz em uma formação discursiva diferente.

3. Metodologia da pesquisa

3.1. O corpus da pesquisa

A pesquisa sociolinguística compreende um grupo social pré-determinado e uma comunidade de falantes, os quais são analisados de acordo com critérios, previamente, estabelecidos. O método utilizado para a composição desse estudo foi uma pesquisa de caráter empírico com agentes da Guarda Municipal de Dourados, por meio de entrevistas de campo realizadas *in loco*, algumas no local de trabalho e outras na residência dos informantes, nas quais os agentes foram questionados sobre o significado das expressões do *Código Q*, utilizado por toda a corporação, mas, principalmente, por aqueles agentes que trabalham com as viaturas e se comunicam via rádio. Foi solicitado que estes transmitissem o significado das principais expressões do referido código, de forma espontânea, para verificar se há diferenças de interpretação ou de transmissão do significado, se há alternância de vocabulários para significar o mesmo

conteúdo, formas mais detalhadas ou sintetizadas de tais expressões, uma vez que quando o informante está em um ambiente que lhe é familiar e fala de uma situação com a qual tem intimidade, usa um discurso mais livre e despojado de formas padronizadas, tornando possível a identificação das variantes desejadas, conforme afirma Tarallo (2007). Foram entrevistadas dez pessoas, homens e mulheres, para identificar se há diferença na transmissão das informações, já que homens e mulheres tendem a se diferenciar na forma de falar (PAIVA, 2003).

3.2. As variáveis sociais estudadas

3.2.1. A variável gênero

Ao nos referirmos ao fator gênero/sexo neste estudo não se trata de características físicas ou fonológicas, já que, geralmente, homens e mulheres se diferenciam no tom, timbre e entonação na fala, mas por se tratar de um estudo sociolinguístico tais características não constituem elemento principal, já que o foco está centrado no fator lexical. É importante lembrar que nas sociedades ocidentais as diferenças de léxico na fala de homens e mulheres são bem menos acentuadas, enquanto que em algumas culturas isso é marcante, havendo, segundo Mollica (2003), em algumas delas, vocabulários específicos para ambos os gêneros. No caso desse tipo de pesquisa, voltada a um grupo militar, é importante lembrar que há sociedades que nem permitem às mulheres fazerem parte de tais grupos ou em outras, quando elas são inseridas no militarismo, recebem tratamento igual aos homens e acabam sofrendo influência também na forma de falar. Neste caso referimo-nos à realidade da cidade de Dourados/MS, na qual é possível identificar tais diferenças.

Para Paiva (2003), um dos primeiros estudos a que se tem referência sobre a influência do gênero/sexo sobre as variações linguísticas encontra-se em Fischer (1958), que afirma essa predominância da mulher na escolha de formas mais requintadas. Também se associa ao fato de as mulheres se preocuparem com a beleza física, com o vestir, o andar, a estética como foco de valorização e isso pode se refletir também no falar, fazendo-as mais observantes às normas linguísticas ditas padrão da língua portuguesa. É importante lembrar que no grupo analisado, embora haja uma padronização no modo de se vestir, através de fardas uniformes, com modelos iguais para ambos, as mulheres tentam preservar sua

característica feminina, sendo muito cuidadosas no uso de maquiagens e outros elementos que marquem sua identidade enquanto gênero, e isso se percebe/reflete também na forma de falar.

Ao falar em gênero, diferenças e particularidades, é preciso ter em mente a questão cultural. Na cultura ocidental, por exemplo, as lutas pelo nivelamento das diferenças estão em evidência e homens e mulheres já conseguem conviver, harmoniosamente, em muitas áreas sem distinções, entretanto, algumas culturas ou povos ainda preservam um pensamento machista ou mais opressivo quanto ao gênero. Há inclusive lugares, em que as divisões entre papéis masculino e feminino são muito nítidas. A prova disso é a grande presença de mulheres cada vez mais em espaços, anteriormente, considerados masculinos, como é o caso da vida militar, por exemplo. Além disso, são elas muito eficientes e possuem responsabilidades e proventos nivelados, equiparando-se aos dos homens.

3.2.2. A variável faixa etária

As línguas são elementos em movimento e em processo ativo constante, o que implica em transformações e mudanças no tempo e no espaço. Se as línguas variam no espaço e no tempo, temporalidade é algo fundamental no processo variacionista e, ao falar em temporalidade, inclui-se o fator idade como determinante nessas mudanças, uma vez que cada falante elege os termos ou formas próprios de seu tempo, ou seja, em muitos casos permanecem as formas antigas e preferem estas às novas maneiras de expressões ou formas evoluídas da língua.

Naro (1994, p. 82) afirma que os falantes adultos dão preferência às formas mais antigas, o que acaba por gerar situações diferentes no falar, mesmo de indivíduos que estejam em constante convivência, como é o caso, por exemplo, de pais e filhos, embora isso não comprometa a comunicação linguística.

Neste estudo, o fator idade não será determinante na identificação das variáveis, uma vez que há um nivelamento na faixa etária dos agentes, pois a predominância é de pessoas entre 25 e 40 anos de idade, o que, certamente, os encaixa em um grupo com vocabulário já cristalizado, intermediário entre a linguagem da juventude e de adolescentes, carregada de gírias, jargões e outras expressões modernas, e os idosos que, geralmente, preservam expressões mais antigas e próprias dessa faixa etária,

tornando-se dispensável considerar essa variante social. Assim, o fator idade não será objeto de análise neste estudo.

3.2.3. A variável escolaridade

Para ingresso na Guarda Municipal de Dourados foi realizado um concurso público de provas e títulos e dentre os requisitos, na época, um deles era a escolaridade, uma vez que se exigia ensino médio completo. Dessa forma, todos os agentes que fazem parte da corporação são concluintes do ensino médio e a maioria, aproximadamente 95% já possui ensino superior e até mesmo pós-graduação. Sendo assim, também será desconsiderado o fator escolaridade, pois não há como fazer uma análise contrastiva entre os diferentes níveis de escolaridade. Por isso não será levada em conta a escolaridade dos informantes para efeito de análise.

4. Análise dos dados e discussão dos resultados

4.1. O código “Q” internacional

O Código “Q” é adotado, internacionalmente, por Forças Armadas e é constituído por um conjunto de expressões, ou melhor, siglas padronizadas, compostas por três letras, todas começando com a letra “Q”. Esse código foi desenvolvido, inicialmente, para comunicação radiotelegráfica comercial, sendo adotado posteriormente pelos demais serviços de rádio, principalmente, o radioamadorismo. Para evitar que se confunda a comunicação, foi estabelecido que os demais sinais de chamadas de outros departamentos, órgãos, corporações, evitem o uso e a criação de expressões que comecem pela letra “Q” ou que tenha uma sequência de três “Q” embutidos.

O Código “Q”, originalmente, foi criado no início do século XX pelo governo britânico, como uma lista de abreviações elaboradas, exclusivamente, para o uso dos navios britânicos e estações costeiras licenciadas pela agência postal geral. Esse código facilitou a comunicação entre operadores de rádios marítimos que falam línguas diferentes, contribuindo para que fosse adotado rapidamente. É composto por um total de quarenta e cinco siglas utilizadas na comunicação via rádio, porém, através

dele foram se criando novas expressões, que embora não apareçam na listagem internacional, se cristalizaram em muitas corporações militares.

Deve-se ressaltar que embora o código seja padronizado, pode haver pequenas alterações na sua tradução, até mesmo porque esse é um processo natural quando se tem um texto ou discurso traduzido para várias línguas, pois embora haja o cuidado de se aproximar ao máximo da forma original, há diferenças lexicais e culturais, o que pode favorecer tais alterações. No entanto, tais alterações não mudam a eficiência do código nem a eficácia da operação no qual é utilizado. Neste estudo serão dados alguns exemplos de expressões com diferenças, que nesse caso, especificamente, trata-se da sua significação para a Guarda Municipal de Dourados, podendo haver outros significados ou outras possibilidades para diferentes corporações.

4.2. Análise dos resultados

Baseando-nos na afirmação de Hudson (*apud* MONTEIRO, 2000) sobre a visão particular dos falantes embora estes falem a mesma língua, pertençam ao mesmo sistema e possuam as mesmas condições, fica evidente que no ato comunicativo, em uma situação espontânea, real de comunicação, haverá alteração na forma dos indivíduos se expressarem ou de reproduzirem a mesma informação, que embora transmitindo o mesmo conteúdo, certamente optarão por vocabulário ou expressões diferentes. No caso deste estudo, por se tratar de um código utilizado por agentes da Guarda Municipal de Dourados, um órgão que atua, diretamente, na área de Segurança Pública, há uma incidência constante de casos em que predominam situações de pressão psicológica sobre os agentes, alguns até mesmo com risco de morte, acidentes, cenas trágicas, brigas, crimes e outros delitos, o que influencia, diretamente, na forma de comunicação desses agentes, que sem dúvida agiriam de modo diferente em uma situação comunicativa comum de trabalho, familiar ou entre amigos.

Assim, ao analisarmos a utilização e aplicabilidade do *Código Q*, foi possível observar que embora o código seja padronizado, este apresenta diferença de interpretações. Vale lembrar que não se trata de interpretações que alterem o significado das expressões, porém apenas se alteram a maneira de traduzir tais expressões, permitindo que os agentes recorram às diferentes possibilidades de escolha quanto ao vocabulário, o

estilo e o próprio valor ou significado das expressões de forma individual. Considerando a afirmação de Hudson (*apud* MONTEIRO, 2000), que cada indivíduo possui experiência única e particular da língua, constata-se que o falante busca em seu próprio repertório e histórico a forma como vai narrar um discurso. Isso pode, certamente, revelar a própria condição do falante, ou seja, sua cultura, sua visão de mundo e seu juízo de valor das diversas situações em que se encontra ou que necessita traduzir.

Analisando os resultados dos dados coletados através desta pesquisa, foi possível identificar, claramente, que há diferença estilística entre o falar de homens e mulheres. Os homens são mais objetivos e práticos na tradução, e há pouca variação entre vocabulários, porém as mulheres são mais detalhistas, minuciosas e subjetivas na tradução das expressões. Tomemos como exemplo uma sigla do código, comparando-a com a definição padrão, ou seja, da Tabela Internacional do *Código Q* para verificarmos a diferença entre as traduções de um agente (homem) e uma agente (mulher), ambos com a mesma faixa etária e ensino superior:

Sigla QAP		
CÓDIGO Q	HOMEM	MULHER
Na escuta...	Pronto..	Prontidão, esta tudo certo, pode repassar a informação, está tudo “ok”

Quadro 1 – diferenças na tradução do *Código Q* por agentes homens e mulheres

É importante deixar claro que todos os agentes passaram por um período de formação para ingresso à Corporação, após aprovação no concurso, e todos tiveram instruções, dentre elas “decorarem” o referido código, devendo saber o significado de cada sigla ou expressão, principalmente aquelas mais corriqueiras e mais utilizadas. Isso reforça a teoria da variação linguística em situações espontâneas, sem comprometimento da mensagem ou conteúdo, pois em ambos os casos, embora houvesse diferença na tradução situacional, todas as versões convergiram para o mesmo fim. Nas três situações, tanto na forma padronizada do código quanto nas traduções dos agentes, ficou claro que o significado era o de que ao dizer “QAP Comandante...”, deixavam claro que este poderia prosseguir com a chamada, transmitir a mensagem desejada e que do outro lado, o agente ou a agente estariam prontos para ouvir e executar as instruções dadas.

Outra sigla analisada e cuja tradução demonstrou diferença na interpretação foi a “QSO”, que de acordo com o Código Q significaria *conato*. Nas traduções obtivemos as seguintes respostas:

Sigla QSO		
CÓDIGO Q	HOMEM	MULHER
Contato...	Agente A – “Conversa” Agente B – “Conversar pessoalmente” Agente C – “Trocar ideia” Agente D- “Conversa” Agente E – “Conversa”	Agente A – “quando você precisa conversar pessoalmente”, “quando precisa trocar uma ideia sobre um assunto”; Agente B – “Conversar pessoalmente”, “um bate papo particular”, “conversa que não pode ser por rádio, tem que ser pessoalmente” Agente C – “Conversar”, “Trocar ideia” Agente D- “Conversar pessoalmente” Agente E – “Conversar”, “bater um papo”, “trocar uma ideia”

Quadro 2 - diferenças na tradução do *Código Q* por agentes homens e mulheres

Nesta pesquisa não será apresentada uma tradução e listagem completa do Código “Q” para preservar a Guarda Municipal, bem como evitar que haja mecanismos para burlar o sistema de comunicação ou interferência nas operações nas quais são utilizadas as expressões nele contidas. Apenas serão expostas algumas siglas ou expressões, principalmente aquelas em que aparece com maior incidência de variações e as mais utilizadas pela Corporação. Seleccionamos as principais (siglas), para comprovar e fundamentar esta pesquisa. Apresentamos também nessa listagem algumas expressões nas quais há alteração de sentido, diferindo o significado do código original e seu sentido para os (as) agentes da Guarda Municipal de Dourados. Tais siglas serão destacadas por um asterisco.

SIGLA	CÓDIGO Q	HOMEM	MULHER
QSO	Contato...	Agente A – “Conversa” Agente B – “Conversar pessoalmente” Agente C – “Trocar ideia” Agente D- “Conversa” Agente E – “Conversa”	Agente A – “quando você precisa conversar pessoalmente”, “quando precisa trocar uma ideia sobre um assunto”; Agente B – “Conversar pessoalmente”, “um bate papo particular”, “conversa que não pode ser por rádio, tem que ser pessoalmente” Agente C – “Conversar”, “Trocar ideia” Agente D – “Conversar pessoalmente” Agente E – “Conversar”, “bater um papo”, “trocar uma ideia”
QRU*	Mensagem Ur-	Agente A – “tranquilo”	Agente A – “quando você

	gente	<p>Agente B – “tudo certo” Agente C – “ok”, “tudo certo” Agente D- “normal” ...” ta tudo QRU” Agente E – “ tudo certo”</p>	<p>quer dizer que está tudo certo, tudo ok”, “ Agente B – “pra informar que está tudo tranquilo”, “que está tudo sob controle” Agente C – “significa que está tudo ok” Agente D- “isso quer dizer que ta tudo normal, tudo certinho” Agente E – “quando você diz que tá QRU é porque ta tudo certo”</p>
QSL	Compreendido	<p>Agente A – “entendido”, “compreendido” Agente B – “entendido” Agente C – “ok”, “entendida a mensagem” Agente D- “compreendido” Agente E – “positivo”</p>	<p>Agente A – “quando você quer dizer pra central que entendeu a mensagem, a missão” Agente B – “mensagem compreendida” Agente C – “significa que entendeu a mensagem” Agente D- “um QSL é o mesmo que compreendeu...” Agente E – “QSL é que pode prosseguir, mensagem entendida”</p>
QTA	Cancelar a mensagem	<p>Agente A- “cancelar a mensagem” Agente B – “ abortar a missão” Agente C – “última forma” Agente D- “cancelar a missão” Agente E – “ última forma”</p> <p>Obs.: “<i>última forma</i>” significa voltar à forma inicial ou anterior, ou seja, voltar à última forma seria cancelar o que foi solicitado e voltar à situação anterior.</p>	<p>Agente A – “quando pede um QTA pra central quer dizer pra cancelar mensagem, a missão” Agente B – “pra pedir QTA... quer dizer voltar à última forma” Agente C – “significa que tem que cancelar a operação...quer dizer, a mensagem” Agente D- “que dar um QTA é o mesmo que pedir pra abortar a situação...” Agente E – “QTA é que você vai abortar a mensagem”</p>
QRF*	Regressar a...(local)	<p>Agente A – “almoço” Agente B – “almoço” Agente C – “almoço” “janta” Agente D- “almoço”... “jantar” Agente E – “refeição” “almoço”</p>	<p>Agente A – “É o horário do almoço, depois do pagamento é o melhor momento (risos)” Agente B – “é a hora do rango, hora do almoço, da comida....horário bom né?”</p>

			(risos)” Agente C – “significa é a hora do almoço, janta ou até mesmo do lanche, é hora de comer...” Agente D- “hora do almoço, hora da janta...quer dizer, hora da boia (risos)” Agente E – “é a hora de parar pra comer, a gente gosta muito”
QAP*	Na escuta...	Agente A – “pronto para a missão” Agente B – “prontidão” Agente C – “pronto” “na escuta” Agente D- “na escuta” Agente E – “pronto”	Agente A – “quando você está pronto pra missão” Agente B – “dizer QAP... quer dizer que ta na escuta... pronto” Agente C – “significa que ta pronto pra receber a mensagem e a missão” Agente D- “um QAP é o mesmo que estar pronto... na escuta..” Agente E – “é que você ta na escuta”
QSJ	Dinheiro	Agente A – “pagamento” Agente B – “salário” Agente C – “pagamento do salário” Agente D- “pagamento” Agente E – “é o salário”	Agente A – “quando sai o QSJ é pura alegria: é o salário” Agente B – “esse é bom (risos) é o pagamento” Agente C – “significa pagamento” Agente D- “é o mesmo que proventos” Agente E – “salário, pagamento, <i>dindim</i> ”

Quadro 3 – Diferenças no uso de siglas e/ou expressões do Código Q por agentes homens e mulheres

4.3. O código exclusivo da Guarda Municipal de Dourados – Dourados/MS

O objetivo principal desta pesquisa era analisar a utilização do Código “Q” pelos agentes da Guarda Municipal de Dourados, buscando identificar as variações existentes nas escolhas lexicais e a diferença entre o falar de homens e mulheres, para comprovar se, realmente, estes falam diferente, Paiva (2003). No entanto, para enriquecimento deste estudo foi possível descobrir que os agentes criaram também expressões pró-

prias, exclusivas dessa corporação. Apesar de serem poucas, não deixa de ser um código, já que faz parte apenas do universo semântico da Guarda Municipal de Dourados e do contexto em que os seus agentes as utilizam, restringindo-as apenas às operações militares.

Apresentamos algumas dessas expressões que são utilizadas, exclusivamente pela Guarda Municipal de Dourados, observando que apesar de já estarem cristalizadas, são específicas de um grupo restrito e de um contexto único, ou seja, os agentes da cidade de Dourados-MS. Lembrando que essas expressões podem até ser utilizadas ou conhecidas por outras corporações, mas talvez com sentidos diferentes ou porque alguns guardas municipais saíram da Guarda Municipal de Dourados e ingressaram, através de concurso, cedência, nomeação, nessas outras corporações, podendo eles terem levado tais expressões a esses novos contextos.

“**Cinco Meia**” – significa almoço, jantar, refeição e substitui a expressão QRF.

“**Deslocar para a rota**” – ir almoçar, jantar, comer etc.

“**Sierra Fox ou SF**” – significa “**Sem futuro**”, isto é, quando uma situação não vale a pena ser prosseguida, ou quando já está resolvida, denúncia inexistente ou sem valor. (Obs.: Sierra Fox são as traduções do alfabeto internacional, em que existem palavras para traduzir cada letra do alfabeto, facilitando a transmissão e evitando confusão, principalmente em fonemas homófonos. Neste caso, SIERRA representa a letra “S” e FOX a letra “F”).

“**QBU**” – Doido, maluco, louco, pessoa sem noção, fora de si etc.

“**QTG**” – Guincho.

“**Linha de 500**” – efetuar uma chamada telefônica, uma ligação etc. (Substituiu a expressão “**Macaco preto**”, utilizada em outras corporações). – “fazer uma linha de 500 para alguém é o mesmo que telefonar para alguém...”. Obs.: “*fazer uma linha de 500 para a cristal*” significa *ligar para a esposa*.

“**Galinha morta**” – pessoa lerda, pessoa preguiçosa, sem ação etc.

Estas são as principais expressões criadas pelos agentes, dentro do seu contexto específico e restrito. É importante ressaltar que as expressões são carregadas de sentido e de significados dentro desse contexto, ou seja, não seguem uma ordem arbitrária que determine seu uso em outros locais, mas aplica-se àquele grupo em especial, que, certamente, uti-

lizou-se de algum elemento comum à sua realidade ou a algum tipo de regra que lhe seja peculiar para escolher essas expressões. No entanto, já que a língua é um produto vivo e dinâmico, certamente, de acordo com a necessidade e a situação, novos termos poderão surgir, ampliando o repertório desse código linguístico utilizado pela Guarda Municipal de Dourados. Talvez em breve poderão surgir novos estudos ou este estudo possa ser complementado para registrar a evolução do código local desse grupo ou até mesmo as alterações que ocorreram nele.

5. Considerações finais

Concluimos este estudo verificando que apesar de termos como objeto de pesquisa um código padronizado e fechado, é possível perceber que, no contexto estudado, ou seja, na Guarda Municipal de Dourados, as mulheres se mostram mais detalhistas, mais minuciosas e espontâneas que os homens, oferecendo respostas, traduções mais subjetivas e longas, com o máximo de detalhes, embora isso não altere o conteúdo da mensagem. Como afirma Paiva (2003), realmente há diferenças entre o falar de homens e mulheres. Vale lembrar aqui que mesmo sabendo que não existem duas pessoas com a mesma forma e experiência linguística, Hudson (*apud* MONTEIRO, 2000), os homens de certa forma nivelam seu discurso, assemelhando-se na forma, por serem mais práticos, objetivos e sintéticos. No caso do estilo feminino, o Comandante relatou que há uma diferença na própria maneira de elaborar relatórios sobre as ocorrências, uma vez que nos relatórios das mulheres há uma riqueza de detalhes e informações que é são bem vindos, pois contribuem para a compreensão da mensagem e oferece mais elementos para se identificar o que, realmente, aconteceu na operação.

Entretanto, o fato principal nesta pesquisa é a identificação das diversas possibilidades para um mesmo ato comunicativo, sem alterar sua essência, sem comprometer a comunicação e alcançar o objetivo final, que é a interação e a transmissão de informações. Pode ser que novas expressões surjam na Guarda Municipal de Dourados e, futuramente, se tenha um código específico muito mais amplo e que essas palavras se incorporem no contexto local ou até mesmo possa ser partilhado com outras corporações, como um meio de identidade e proteção das informações obtidas ou repassadas em operações militares.

Diante do exposto, acredita-se que este trabalho tem relevância para a área na qual se insere, pois a língua e a fala estão presentes no

nosso cotidiano ou embora seja pertinente e específica de um grupo, seu dinamismo e evolução não podem ser ignorados. Estudar uma língua significa estudar a própria história de seus falantes, sua cultura, suas particularidades e suas inovações, já que a linguagem não pode ser isolada do contexto social dos que a usam; assim, ao estudar e relatar as experiências dos agentes da Guarda Municipal de Dourados registra-se sua história e suas peculiaridades, possibilitando que novos estudos sejam realizados e surjam contribuições muito maiores para os estudos dos fenômenos linguísticos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 2007.

BUENO, Elza Sabino da Silva; SAMPAIO, Emílio Davi. *Estudos de linguagem e de literatura: um olhar para o lato sensu*. Dourados: UEMS, 2009.

CARNEVALLI, Leonildo. *Sistema metodológico e pedagógico para o ensino dos metaplasmos*. 1990. Dissertação (de Mestrado). – UNESP, Assis.

CÓDIGO internacional Q. Disponível em:
<http://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%B3digo_Internacional_Q>.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística histórica*. 2. ed., São Paulo: Ática, 1998.

MOLLICA, Maria Cecília e BRAGA, Maria Luisa (Orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labov*. Petrópolis: Vozes, 2000.

NARO, Anthony. Julius. Idade. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luisa. (Orgs.). *Introdução à sociolinguística variacionista*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

ORLANDI, Eni. *Discurso e texto*. Campinas: Pontes, 1996.

_____. (Org.). *Política linguística no Brasil*. Campinas: Pontes, 2007.

PAIVA, Maria da Conceição. Sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luísa. (Orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1989.

TABELA internacional do código “Q”. Disponível em:
<http://www.sindprfce.com.br/arquivos/Tabela_Codigo_Q.pdf>.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2007.

VOTRE, Sebastião Josué. Escolaridade. In: MOLLICA, Maria Cecília *Introdução à sociolinguística variacionista*. Cadernos didáticos da UFRJ. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.